

SOCIEDADE E DEMOCRACIA ENTRE AS POLARIZAÇÕES IDEOLÓGICAS ATUAIS: O RESSURGIMENTO DO PENSAMENTO POLÍTICO CONSERVADOR E SEU CONTRAPONTO À PERCEPÇÃO E PERSPECTIVA DA IGUALDADE E DA JUSTIÇA SOCIAL DO PENSAMENTO PROGRESSISTA

Werner Schrör Leber

“Vivemos em grandes sociedades e dependemos, de milhares de maneiras, das ações e dos desejos de desconhecidos [...] O equívoco de reduzir a ordem política às operações do mercado equipara-se ao erro do socialismo revolucionário de reduzir a política a um plano” (SCRUTON, 2017, p. 37-38).

A crítica mais comum ao conservadorismo é a sua ideia de que toda a sociedade deve acatar o código moral e a estrutura social tradicionais, o que é uma visão conflituosa com as ideias progressistas. Para os seus críticos, é uma contradição o conservadorismo defender indivíduos autônomos na esfera econômica enquanto defende a aceitação de padrões na esfera social e moral. (MATTOS, 2022).

1- QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

É notório o quanto estamos vivendo dias difíceis no Brasil e no mundo no que tange à estabilidade e confiança nas instituições. Tem-se a impressão de que uma parte da humanidade é formada por pessoas certas, honestas e humanas enquanto uma outra parte representa as trevas, o atraso e a injustiça. Mas quem acusa quem? Embora esse problema embora seja perceptível por todos nós, os seus contornos são imensos e complexos. Descontentamentos se manifestam em todos os lugares e, quase sem exceção, esses descontentamentos se mostram discursos balizados por ideologias antagônicas. Em outro texto, chamamos esse fenômeno de “maniqueísmo conceitual” (LEBER, 2017, p. 03).

Vivemos, por assim dizer, uma dicotomia conceitual com a qual cada parte envolvida, dependendo da perspectiva ideológica a qual se aferra, considera a outra abjeta, retrógrada, indigna, usurpadora, fascista e ainda outros termos desabonadores. E em sentido oposto, a ala que se apega a valores e princípios considerados conservadores, acunha os progressistas de comunistas, invasores de terras, defensores de bandidos e ladrões. Vive-se “o cancelamento mútuo do outro”

sempre que o “outro” não participar das fileiras que o cancelador considera adequadas, ou então, não confessar o “credo” político que o cancelador julga justo. Cada qual agarra-se a seu pequeno pedaço de verdade, fazendo dele como que um dogma salvífico.¹ Cada parte vê a outra, aquela que dela discorda, como um perigo a ser eliminado. A judicialização da política é um fenômeno verificado em várias democracias ocidentais (XAVIER, coord., 2019a). Mas, mais do que um fenômeno, é um sintoma de que algo não anda bem com a nossa democracia na ala ocidental do Planeta.² Afinal, o que está a acontecer? Seria arrogância de nossa parte se dissésssemos que temos a resposta. Todavia, o nosso texto propõe-se a procurar os contornos filosóficos, epistêmicos e políticos que norteiam essa problemática.

2 - OS CONTORNOS DO TEMA E SUA PROBLEMÁTICA

O nosso trabalho, de cunho bibliográfico, ensaístico e investigativo, tentará, com modéstia e lacunas, é claro, apontar como que autores e autoras da filosofia, e ciências sociais e humanas, estão envolvidos e envolvidas nas concepções de mundo que se constrói em nosso tempo. Nossas ideias políticas atuais são construções valorativas que se efetivaram à medida que a intelectualidade gestada nas universidades se mostrava mais capaz de analisar e prover soluções para as nossas complicadas e engenhosas formas de vida dos últimos três séculos. A assim chamada democracia representativa, que os pensadores ligados à esquerda política denominam democracia burguesa, é, em nosso entendimento, o pivô das exacerbações raivosas, dicotômicas e, no mais das vezes, dogmáticas e até acríticas, que se alastram entre nós em várias partes do mundo. Sobre isso, Magenta (2022) pondera que

(...) o uso do termo conservador na briga política passou a ser cada vez menos interessado em significados precisos e cada vez mais preocupado em ofender. No Brasil, conservador passou a ser usado por vezes como sinônimo de termos pejorativos como retrógrado, reacionário,

¹ Procuraremos, à medida do possível, apontar que nem sempre esse senso comum é o que de fato orienta as teorias de ambos os lados.

² Há problemas dessa ordem nos Estados Unidos entre os eleitores de Biden e Trump. Na Europa, entre o governo de Macron e os conservadores da Hungria, Ucrânia e Polônia. No Brasil, entre os adeptos do bolsonarismo e os governos da Venezuela e Argentina.

ultrapassado, moralista, intransigente, atrasado, careta, elitista, oligarca, fundamentalista e autoritário.³

O pano de fundo de tal questão é a justiça, o direito individual e coletivo, o acesso aos bens produzidos - os ativos da economia – e a forma como eles impactam nossas sociedades, sobretudo, as ocidentais.⁴ Críticas e acusações sobram para ambos os lados. Conforme os revolucionários e vanguardistas, a justiça social pretendida fica bloqueada e apenas reparte os ativos entre os que pertencem ao círculo já institucionalizado. Nesse sentido, Mattos (2022) informa que

na esfera política, o principal embate entre os conservadores e seus adversários ocorre em torno do valor da **igualdade**. Os conservadores, assim como os liberais, elogiam a diversidade e entendem que não é papel do Estado promover políticas igualitárias para além da igualdade político-jurídica. Mas os seus opositores argumentam que não basta promover uma igualdade político-jurídica de cunho formal se esta não se concretiza pela igualdade material e de resultados. Na mesma linha de pensamento, os conservadores entendem que a assistência estatal deve limitar-se somente aos que realmente precisam dela e não deve se estender a toda a vida das pessoas, como é proposto pelo Estado do Bem-Estar Social, o que atrai as críticas daqueles que entendem que o Estado deve prover uma rede de segurança aos cidadãos durante todas as fases da vida e que cubra um grande leque de situações.⁵

E, como sabemos, sobre esses problemas longos discursos, análises, contrapontos foram e são entabulados todos os dias contra a democracia liberal (TOURAIN, 1996; CASTELLS, 2018; SOUZA, 2019). Por seu turno, pensadores considerados conservadores surgiram ou foram retomados como contraponto ao problema (XAVIER, 2019a e 2019b; SCRUTON; 2017 e 2018; HAYEK, 2022).

3. PROBLEMA DE PESQUISA E JUSTIFICATIVA

O que leva alguém, como nós, a debruçar-se sobre a ótica que os ditos conservadores ou liberais defendem se isso é amplamente desfavorável? Por que falar de conservadores e liberais se a perspectiva corrente atual é que se deva

³ Citação de sítio eletrônico. Ver lista de Referências.

⁴ Falamos sociedades ocidentais porque a democracia liberal – democracia burguesa para os vanguardistas mais ligadas à esquerda – é uma organização política bem mais disseminada nessa parte do globo. No mundo oriental, exceção feita a Israel no Oriente Médio, somado à Coreia do Sul e do Japão no Sul da Ásia, não tivemos e não temos esse tipo de experiência.

⁵ Texto eletrônico. Ver referência na lista final.

empurrar essa perspectiva intelectual para o Hades? Falar e buscar alguma legitimidade nos pensadores ditos conservadores mostra-se inteiramente desfavorável porque está contra o *Establishment político*, notoriamente mais inclinado a defender valores sociais, nos quais a exigência da igualdade sexual, racial, econômica seja expressamente uma meta. E todos e todas que atreverem-se a levantar objeções a tal meta, já são de antemão anátema, pessoas retrógradas, maldosas, reacionárias e defensoras de valores jurássicos, segundo a ala do bem, os vanguardistas.

Ninguém em sã consciência negaria que a justiça social e a igualdade racial e econômica deva ser uma busca, um alvo, uma meta. Ou então que liberal ou conservador seria insano a ponto de negar que existam injustiças, preconceitos, exclusão e violência? Nenhum liberal de fino tino já negou tal causa. Mas é aqui que está o problema. O discurso vanguardista apropriou-se de certos termos e fez deles o mote, o centro de onde emergem suas assertivas para melhorar a sociedade e implodir o conservadorismo, que insiste em ficar de pé mesmo depois de todos os ponta pés que já lhe foram desferidos. Para que abordar a democracia liberal e seus contornos quando já está claro para muita gente esclarecida que ela de fato morreu? Em nosso modesto entender, as coisas estão mal colocadas e muito mal analisadas. A legitimidade dos vanguardistas está longe de ser natural e melhor, como também as ditas ideias conservadoras não são sempre as piores. Suspeitamos que o jogo político mais favorável fez com as prerrogativas da social-democracia e os ditos vanguardistas se sobrepuxessem a qualquer outra perspectiva, por ter sido preparada há décadas para isso. Não é casualidade; é ação racional em prol de objetivos.

Estamos convencidos de que essa dicotomia, esse dualismo ideológico, remonta ao marxismo como doutrina política e sua representação ideológica e simbólica durante o século XX. A ideia política do marxismo e suas várias nuances e matizes, transformou indelevelmente dividido entre progressistas e conservadores. O pano de fundo dessa questão, é o individualismo e o coletivismo, uma vez que eles se apresentam contraditórios a ponto de não poderem coexistir em uma mesma teoria e meta política. Mesmo que isso pareça, em princípio, óbvio, entendemos que prescrever de modo sucinto a aceitação do marxismo como aporte

intelectual pode nos ajudar a esclarecer melhor o que estamos a pressupor e como podemos melhor desdobrar nossa temática.

3.1- Ética e Cultura Global: valores individuais versus valores coletivos

Não há e nunca houve sociedade ou grupamento social sem princípios éticos e as respectivas regras morais daí derivadas. Pelo menos não depois que o *homo sapiens* tornou-se *sapiens-sapiens* (aquele que sabe de; sabe de seu saber) e passou a viver em pequenos grupos ou sociedades, e depois em cidades.⁶ Nos parece razoável afirmar que, entre outras coisas, o problema da polarização ideológica e conceitual hodierna que perpassa nossas organizações, instituições jurídicas, educacionais, religiosas e familiares demanda um fundo ético, ou melhor, uma crise da ética, à medida que há visões sobre o perigo que nos afeta nesse jogo de mudanças constantes e, às vezes, contrastantes. Barbosa, Queiroz e Alves (2011, p. 28) observam que

é bom lembrar que toda concepção do que é ou não moral e toda teoria ética surge estimulada pelas teorias e éticas anteriores. A nova teoria surge em oposição à antiga ou em seu apoio, para atualizá-la ou para a sua releitura. Com o tempo, elas também vão dar lugar a outras. Quanto mais dinâmica é uma sociedade, mais mudanças nos costumes ela provoca. Nos tempos atuais, esse dinamismo chega a ser excessivo. Provavelmente seja por isso que hoje em dia se fale mais em ética do que em moral, pois, diante das mudanças, a frequência com que os valores precisam ser questionados é bem maior.

No campo político atual, surgiram ou ressurgiram importantes pensadores que foram deslocados dos escombros em que a vanguarda intelectual e globalista os cravejou. E não só por isso. A visão vanguardista que, via de regra, atende pelo nome de *Globalismo* é tão amplamente mais disseminada, que o pensamento liberal e individualista ressurgiu no campo político tendo como meta minar os argumentos globalistas e vanguardistas.⁷ Thomas Sowell, por exemplo, tem levantado suas bandeiras para implodir a “*intenção virtuosa e superioridade moral*” que a

⁶ Por mais prosaico que pareça, Sócrates ainda é “nossa pai”. A sua famosa frase “só sei que nada sei” expressa exatamente o que falamos do sapiens-sapiens. Sócrates nunca disse que nada sabia e sim que sabia da sua ignorância. Reconhecer-se como ignorante é saber de... Todos os animais, aparentemente, ignoram a sua ignorância ou então tal termo nem sequer pode ser aplicado a eles.

⁷ Aqui no Brasil lembramos bem de Olavo de Carvalho e sua luta contra a “inteligência universitária brasileira”. Não é necessário dizer os adjetivos nada abonadores que a vanguarda intelectual e mediática lhe impingiu nessas décadas.

vanguarda política se auto imputa (XAVIER, coord., 2019a, p. 196). Nem sempre se trata de autores novos, mas de nomes que por um longo período de tempo foram alijados dos estudos majoritários em nossos centros de pesquisa e universidades.⁸ Por quê? Eis a questão! O que, por exemplo, torna um pensador como o austríaco Friedrich Hayek menor que Alain Touraine? Ou o que torna Roger Scruton menos lido e estudado que Jürgen Habermas? Em que as ideias políticas de Thomas Sowell são menos significativas que as de Pierre Bourdieu ou Sigmund Bauman? Falamos da perspectiva nossa, a brasileira, onde é factualmente fácil verificar o quanto certos autores são mais bem-vistos que outros. Onde está o porquê disso?

4. COLETIVISMO VERSUS INDIVIDUALISMO

Nos parece notório a influência e a maior aceitação de pensadoras e pensadores considerados vanguardistas nas mais variadas instâncias da sociedade ocidental desde início do século XX até nossos dias. Nesse caso, entenda-se, vanguarda significa, grosso modo, as ideias marxistas e suas derivações no século XX, como os pensadores do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt (Escola de Frankfurt) Adorno, Horkheimer, Marcuse, somando-se ainda vários intelectuais marxistas como, por exemplo, Antônio Gramsci, Althusser, Foucault e historiadores renomados como Perry Anderson e Eric Hobsbawm. Na percepção de Rodrigo (2014, p. 241) a perspectiva marxista deu-se pela novidade que Marx trazia em suas análises, isto é “[...] conceber de um modo inteiramente novo as relações dos homens com a natureza e com os outros homens”.

Tal predomínio ideológico e político do viés marxista não veio por acaso. Ele é resultado de uma longa jornada e até de militância intelectual das alas menos conservadoras da sociedade dos últimos 80 anos, pelo menos.⁹ Intelectuais,

⁸ Por que um autor como Mario Ferreira dos Santos é completamente ignorado em nossos livros didáticos de filosofia, sociologia ou história na Educação Básica? Em contrapartida autores marxistas como Florestan Fernandes e Milton Santos são sempre exaltados. Em que aquele é menor e menos importante que os segundos? Não duvidamos que se alegue discriminação positiva. Seria, nesse caso, no mínimo uma desfaçatez grotesca.

⁹ Ver nosso artigo sobre a crítica sobre essa problemática em Werner Schröer LEBER (2017): **O que pretendem os revolucionários de esquerda na visão conservadora de Roger Scruton Raymond Aron e Olavo de Carvalho.** Texto publicado em maio de 2017 no sítio eletrônico: (<https://www.webartigos.com/autores/wernerfilosofia>) (acesso em 13/10/22).

universidades e programas de governo contribuíram significativamente. Até Jean Paul Sartre chegou a dizer que o marxismo seria a doutrina insuperável de nosso tempo, embora, já mais ao final de sua vida, tenha dito que se arrependera de tal entendimento. O marxismo, chegou a ser, no dizer de Aron (2018, p. 61) “o ópio dos intelectuais”. Se nosso entendimento estiver correto, a evolução do mote intelectual marxista deu-se do mesmo modo como a ciência natural estabelece “entidades abstratas” (DUTRA, 2013, p. 229) para aquilo que investiga ou persegue.¹⁰ Por vários motivos, acreditamos que seja pela teoria material da história e seu fundo ateu ou antirreligioso (Karl Marx; Friedrich Engels; Ludwig Feuerbach), que o marxismo foi mais bem aceito como teoria filosófica, econômica e social nos meios acadêmicos e intelectuais em geral por ser um paradigma mais convincente sobre a ideia de justiça, de exploração, de renda e as consequentes mazelas que o período capitalista industrial inglês estava a produzir. Nas palavras do comentador Xavier “[...] este sistema mostra-se atraente e aliciante [...] ainda hoje desperta o interesse e a adesão de considerável parte da cultura intelectual, política e militante [...]” (2019a, p. 260). De modo generalista, pode-se dizer que esses últimos 80 anos houve uma intensificação pela busca da “*justiça social*” (op. cit., p. 145). Justiça não mais vista como um ideal abstrato e metafísico, mas sim um ideal que, assim pensam e defendem os vanguardistas, encontra-se na real distribuição dos ativos produzidos pelas sociedades (CASTELLS, 2018). Na busca da justiça social que a sociedade de classes não permite, conforme os marxistas, o que se viu o surgimento de direitos e mais direitos, o que levou Norberto Bobbio chamar o nosso tempo de “a era dos direitos” (LOPES, 2011, p. 08). Mesmo que essa justiça seja abstrata, metafísica, um ideal concretamente nunca inteiramente alcançável, como advogam os conservadores, mas apenas uma questão fomentada pelos intelectuais e seus círculos revolucionários (SCRUTON, 2017), o marxismo, enquanto teoria social e econômica, está dentro da tendência moderna, na qual a questão religiosa tem cada vez menos espaço e menos credibilidade frente às questões políticas e os desafios humanitários. Sobre essa perspectiva, também Lopes (2011, p. 09) observa que

¹⁰ Tal situação não deixa de ser curiosa à medida que ela é autocontraditória. O marxismo é, antes de tudo, um ativismo (práxis) que pretende intervir nas condições materiais da história, mas esse objetivo transforma-se em um telos metafísico em função da abstrata justiça social que almeja. E dessa forma, não está longe do idealismo filosófico contra o qual se erigiu.

a secularização permitiu, também, que se procure não mais em Deus, mas na natureza do homem, a ordem do mundo e as respostas a todas as indagações, dando lugar ao auge da ciência. A confiança na razão diante da autoridade foi fortalecida, tornando, com isso, os homens em autênticos protagonistas da história.

Rupturas significativas se instalaram nas últimas décadas, dando ampla vantagem ao *Establishment* de programas como a social-democracia europeia e a ascensão de governos de viés socialista na América Latina. Por mais que se fale em avanço neoliberal, o que ocorreu foi o quase desaparecimento de tal perspectiva. Estados Unidos, Brasil, Hungria e Polônia são exceções em um mundo cercado de governos estadistas ou estatizantes. O que não deixa de ser estranho. No campo acadêmico institucional não é preciso demonstrar o quanto, por exemplo, Michel Foucault e Pierre Bourdieu ganham de goleada se comparados com Raymond Aron ou com Friederich Hayek. Estamos falando de autores contemporâneos. E, certamente, todos tem relevância acadêmica substantiva. Mas o que leva alguns ao panteão dos imortais e outros ao esquecimento se não se pode medir conhecimento da mesma forma que se mede uma rama? No caso brasileiro, veja-se o quanto intelectuais conservadores tem suas ideias preteridas em face de artistas como Caetano Veloso ou Chico Buarque. Gilberto Gil foi alçado à Academia Brasileira de Letras. É sintomático que o recebimento do Prêmio Nobel de literatura dada a Bob Dylan em 2016 já apontava para a quebra de paradigmas. Ao que tudo indica, não é necessariamente a relevância cultural, a produção intensiva, a contribuição original do mundo das ideias ou das invenções tecnológicas que coloca esses artistas à frente de muita gente, bem mais qualificada conforme os conservadores. Essa já é uma questão que nosso texto procurará enfocar e problematizar.

No caso brasileiro, basta que se vá a uma biblioteca de uma universidade pública ou privada, vasculhe os trabalhos produzidos nos últimos 30 anos por pesquisadores e pesquisadoras nas ciências humanas e na filosofia para que se fique claro o quanto os dois primeiros franceses citados acima, juntando-se a eles J-P Sartre, Althusser, Theodor Adorno, Jessé de Souza, Marilena Chauí são muito mais analisados e escrutinados em trabalhos acadêmicos que Hayek, Mario Ferreira dos Santos ou R. Aron. E tal se dá também com outros autores e autoras de vanguarda, como por exemplo, Hannah Arendt, Alain Touraine, André Comte-

Sponville, em comparação com Thomas Sowell e Roger Scruton. Ou então, Karl Marx e M. Weber e comparação com R. Mises ou F. Hayek. Em nossos Livros Didáticos para o Ensino Médio eles quase nunca aparecem. E se aparecem, são em notas menores e com explanações menos expressivas, quando não pechados às margens das páginas com termos pejorativos e desabonadores como “liberais” e “conservadores”. Como se tais termos já denotassem por si irrelevância, obtusidade, atraso e ignorância. De onde vem a exclusão? Por que em nome de quem ela é exercida? Observamos, todavia, que não se trata de tomar partido, mas de perceber, antes de tudo, o que motivou tal opção. Pois, não está claro que os pensadores considerados não conservadores ou vanguardistas sejam sempre e necessariamente melhores que os considerados conservadores ou liberais.¹¹ A perspectiva que engendra essa visão e esse direcionamento já é ele, em si mesmo, um teor político sustentado por alguma ideologia. Qual? É disso que nosso texto trata. Essa opção, em nossa modesta visão, é resultado de ações políticas e tomada de decisões por intelectuais e governos também, certamente, pelas opções de instituições públicas e privadas. Devemos considerar que nos últimos 80 o mundo ocidental, passou por mudanças abruptas em vários momentos, sobretudo no diz respeito à democracia liberal e suas crises (TOURAIN, 1996; CASTELLS, 2018). Desde a Segunda Grande Guerra, os povos ocidentais, isto é, europeus e americanos (do Norte, do Centro e do Sul) tiveram de adaptar-se a situações complexas e variadas, sejam elas vindas do campo ideológico e político ou mesmo da área tecnológica. As sociedades passaram de povos agrícolas a povos citadinos em um sem-número de casos, sobretudo na América Latina. O crescimento da população fez crescer os excluídos, aqueles que estão à margem da economia mundial. A democracia liberal e considerada burguesa pelos revolucionários ou vanguardistas é considerada incapaz de resolver os problemas criados pelas novas formas de vida nas sociedades cibernéticas e cada vez mais esfuziantes.

¹¹ Vale registrar que o termo “liberal” ou “liberais”, quando aqui empregado é tomado em seu sentido original europeu, isto é, defensor da propriedade privada, da liberdade e da menor intervenção estatal, seja na economia como na vida privada. Hayek (2017, p.150-151, *apud* XAVIER, 2019b, p. 219) chama de “**trapaça proposital dos socialistas americanos**” à inversão de sentido que os termos Liberal e Liberalismo sofreram nos Estados Unidos. Também Roger Scruton traz uma importante ponderação sobre o termo Liberal e seus distintos sentidos usuais nos Estados Unidos e na Europa. Ver **A verdade no Liberalismo**, cap. 6 (2017, p. 105)

5. A VANGUARDA INTELECTUAL E A CRÍTICA À DEMOCRACIA LIBERAL

A democracia moderna é uma busca desde o iluminismo, tanto quanto a liberdade e a justiça para todos. Sem ser simplista, apenas sucinto, podemos dizer que a democracia é uma tentativa de construir relações humanas, sociais o tanto mais livres que se puder, e também o tanto mais justas que se puder. Só isso. Mas isso é muito porque isso é tudo. Se tomarmos como exemplos as sociedades que fizeram das prerrogativas marxistas no século XX um plano político de governo para evitar as mazelas do liberalismo capitalista, o resultado é desastroso. Basta que lembremos de União Soviética e China para perceber-se a ditadura que os governos, ditos marxistas, construíram por lá. Pouco importa se houve detração e distorção das ideias de Marx, essas alegações que socialistas e comunistas sempre fazem para justificar os “erros e excessos cometidos”. Os liberais e capitalistas também podem fazer essas alegações a seu favor, por mais que esteja patente que o capitalismo também produziu injustiças e continua a produzi-las em escala gritante. Todavia, tanto quanto os liberais e conservadores quanto a esquerda atual insiste na democracia, isto é, insiste em afirmar que se coloca com valores democráticos contra liberais como Trump ou Bolsonaro justamente por estes representarem tudo que é antidemocrático. Essa estranha noção leva o comentador a dizer, citando Elie Halévy (1870-1937), que “os socialistas acreditam em duas coisas absolutamente diversas e talvez até contraditórias: liberdade e organização” (apud., HAYEK, 2022, p. 89)

Se nossas suspeitas estiverem corretas, buscar entender, mesmo que minimamente e com muitos percalços, o que a democracia é ou deveria ser, e o que de fato está a ocorrer com a assim chamada democracia liberal ou democracia burguesa, é o centro dessa dicotomia conceitual da qual estamos a tratar neste escrito. Sem ser arrogante e pretensioso, entendemos que a crise atual é um problema de paradigma. O modelo liberal de direito e que ordenava a família, os governos, as instituições públicas em geral, incluindo as religiosas, tomou outro rumo que os que Hobbes, Rousseau defenderam inicialmente. Tomaremos emprestado de Castells (2017, p. 12) uma passagem em que o autor traz uma importante informação a respeito dessa perspectiva e de seus desdobramentos:

Na realidade, a democracia se constrói em torno das relações de poder social que a fundaram e vai se adaptando à evolução dessas relações, mas privilegiando o poder que já está cristalizado nas instituições. Por isso não se pode afirmar que é representativa, a menos que os cidadãos pensem que estão sendo representados. Porque a força e a estabilidade das instituições dependem de sua vigência na mente das pessoas. Se for rompido o vínculo subjetivo entre o que os cidadãos pensam e querem e as ações daqueles a quem elegemos e pagamos, produz-se o que denominamos crise de legitimidade política; a saber, o sentimento majoritário de que os atores do sistema político não nos representam.

Percebe-se um elemento central na passagem do comentador: a não representação da democracia liberal ocorre porque ela, mesmo evoluindo, confere sempre espaços privilegiados a quem já estaria privilegiado. Também Touraine (1996, p. 179) observa que as sociedades modernas se construíram politicamente a partir da “democracia e da justiça”. E não se pode dizer que são a mesma coisa. Podemos ter uma democracia legal e institucional, mas injusta com determinadas partes da sua população. Mas seria possível haver um sistema inteiramente justo sem ser democrático? Parece-nos que não. Outro tema que surge na citação é o poder ou relações de poder. O que seria? Se estivermos certos em nossa análise, o poder, nesse caso, diz respeito à forma como a produção de riqueza e o acesso a ela se consumou ao longo das democracias. Até mesmo um comentador considerado conservador, alude dizendo que “os socialistas não estão sozinhos em apontar os efeitos corrosivos dos mercados sobre as formas de vida comunitária ou em enfatizar a distinção entre coisas que tem valor e coisas que tem preço” (SCRUTON, 2017, p. 95).

5.1 – A força do marxismo e sua recepção no círculo intelectual e universitário

No dizer de Lord Acton (1834-1902) “Poucas descobertas são mais irritantes do que as que revelam a origem das ideias” (apud., HAYEK, 2022, p. 55). Que motivos há para que as ideias de Karl Marx e toda recepção de seu legado, a que denominamos de modo geral *Marxismo*, fossem tão amplamente aceitas pelo mundo intelectual durante o século XX? E já estamos a duas décadas no século XXI adentro e essa influência continua ativa e ainda convence. Nas universidades

públicas brasileiras isso é vertiginosamente notório e na educação básica isso também se verifica. Um significativo número de professores e professoras acreditam que Paulo Freire foi um grande pedagogo e um destacado filósofo da educação. Mas quando são interrogados sobre o porquê de assim pensarem, quase sempre, não sabem dizer. Ou quando são perguntados sobre suas principais ideias ou que obras do autor elas leram, isto é, no que se baseiam para ter esta ou aquela visão do autor, quase nunca surgem respostas convincentes.¹²

No campo político e ideológico não há como pôr em questão a relevância e influência da doutrina marxista na dicotomia conceitual que estamos a analisar. Não somente as ideias de Marx, mas suas interpretações em autores do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt como Adorno e Horkheimer e o militante político Antônio Gramsci. É pouco provável que haja algum lugar em que isso é mais evidente do que no campo das ideias educacionais, e o Brasil não foge à regra. Se assim não fosse, o que leva o conservadorismo filosófico, sociológico e literário assim considerado a dirigir suas críticas às ideias derivadas dos postulados de Karl Marx e sua recepção passada e presente? Seu legado penetrou de tal forma o meio intelectual que seduziu alas inteiras em vários países durante décadas. Tal feito, como indicamos acima, fez Raymond Aron decretar que o *marxismo havia se tornado o ópio dos intelectuais*. A frase de Aron ironiza a concepção do imanentismo marxista, segundo o qual as demandas materiais explicam as relações sociais e grupais e não a tradição, o pensamento ou a religião, como a filosofia clássica queria. A famosa frase de Marx “a religião é o ópio do povo” motiva o contraponto de Aron. Mas nada disso explica suficientemente o porquê de o marxismo ter sido aceito tão amplamente por círculos intelectuais em várias partes do mundo. É preciso que se encontre uma razão, um motivo, algo que dê mais plausibilidade a apontar por que tal cousa, afinal ocorreu? Longe de uma solução formal, cabe nos tão somente indicar algumas pistas além do óbvio.

5.2 Dramaturgia política e apelos emocionais

¹² Somos professores na educação pública e essa é uma constatação vinda de nossa experiência com cursos e a vivência em sala de aula.

Em nosso entender, as complicadas formas de vida e as contradições daí decorrentes deram combustível à tradição marxista. Colocar-se como defensores da justiça e da igualdade foi e é a bandeira de luta da política de esquerda. É inegável o quanto o mundo é injusto, o quanto o capitalismo depende da exploração de mão de obra, o quanto esse processo gera misérias e riquezas muito mal distribuídas. Quem não vê? Esse quadro é sedutor e com ele é fácil fazer dramatizações e discursos chantagistas e foi exatamente nisso que a esquerda se especializou conforme os conservadores. Um dia foram os trabalhadores explorados, depois foram as mulheres e hoje a pauta vai do meio ambiente ao discurso de gênero (SCRUTON, 2017). A pauta da esquerda é sempre voltada às camadas excluídas, as mais atingidas por essas questões. É dali que vem os votos majoritariamente também. Quem, de modo enfático, pode ser contra a querer mudar um quadro assim? Todavia, infelizmente, para o azar do discurso político vanguardista, as coisas são bem mais emaranhadas que só distribuir riquezas. Em nosso entender, verificar uma situação e apontar os motivos é muito diferente de apresentar a solução. A pauta da esquerda sempre foi e ainda é muito competente para denunciar os problemas do capitalismo e suas consequências nefastas. Mas quando recomendou o remédio, errou em tudo, para dizer o mínimo (HAYEK, 2022). E em países onde a pauta marxista-esquerdista foi governo, no mais das vezes, foi tão ruim se não pior que os governos liberais e conservadores que sempre combateu. Isso indica que, mesmo que nossa visão seja superficial, as premissas políticas adotadas pelos vanguardistas e globalistas estão crivadas de enganos e de premissas falsas.

6.0 – O RESSURGIMENTO DO INTELECTUALISMO CONSERVADOR

Autores ainda jovens têm surgido como contraponto às investidas dos vanguardistas. Um exemplo é Shapiro (2020), cujo texto aponta como que o “politicamente correto” é um projeto universitário que já tem longas décadas. Afinal, o que é ser conservador? Esse também não é um tema sobre o qual há consensos fáceis e unâimes. As duas passagens abaixo nos dão importante noções conceituais:

(...) conservadores rejeitam tentativas de definição porque isso aprisionaria uma característica fundamental do pensamento conservador: transformar-se a depender das circunstâncias e incorporar mudanças como a defesa do liberalismo econômico e, por extensão, uma menor intervenção do Estado. Ainda assim, pesquisadores identificam alguns pontos em comum nas mais diversas manifestações conservadoras ao longo dos séculos. Entre eles, o pragmatismo (que facilita incorporar e abandonar bandeiras), o temor a mudanças bruscas, a preservação das tradições e das hierarquias, o nacionalismo, a proteção da família, as bases religiosas e a defesa das instituições (MAGENTA, 2022).

O conservadorismo advém de um sentimento que toda pessoa madura compartilha com facilidade: a consciência de que as coisas admiráveis são facilmente destruídas, mas não são facilmente criadas. Isso é verdade, sobretudo, em relação às boas coisas que nos chegam como bens coletivos: paz, liberdade, lei, civilidade, espírito público, a segurança da propriedade e da vida familiar, tudo o que depende da cooperação com os demais, visto não termos meios de obtê-las isoladamente. Em relação a tais coisas, o trabalho de destruição é rápido, fácil e recreativo; o labor da criação é lento, árduo e maçante. Esta é uma das lições do século XX (SCRUTON, 2017, p. 09).

Ou então outra passagem, na qual se lê “*a função de um conservador em política é conservar, e não afrontar, a herança liberal que triunfou no século 20 contra tiranias de todo tipo*”, também merece ser assinalada (MICHAEL OAKESHOTT, *Apud.*, COUTINHO, **Gazeta do Povo**, 2021).

Conservadores são avessos a mudanças motivadas pelo intelectualismo e ou por grupos revolucionários. Conservadores veem o mundo como legado às tradições que as formou, sem nunca exigir mudanças abruptas e com sobressaltos. Como lembra Lewis (2014), uma revolução dos galhos contra a árvore seria o fim de qualquer possibilidade. E tudo que vem em nome do politicamente correto é um problema para a visão conservadora.

Afinal, de onde vem a crise da democracia liberal e dos valores sociais e econômicos defendidos pelos conservadores? Onde surgiu a ata que lavrou como que um acordo mundial segundo o qual uma parte da humanidade estaria condenada ao ostracismo e à ignorância jurássica e perpétua ao passo que outra parte estaria agraciadas pela iluminação intelectual, que a torna melhor e mais bem preparada para governar, eleger, fazer justiça e entender o problema do mundo e decidir seu destino? Esse segundo grupo, como indicado, é chamado de

“ungidos”.¹³ Os conservadores, percebem que o *discurso libertador* está cheio de lacunas, de falhas e está arquitetado sobre um discurso polido, sedutor, mas também chantagista e falso. Para os intelectuais liberais, o vanguardismo assenta-se sobre táticas, cujo teor é assim descrito:

A estratégia de demonizar o oponente se explica na lógica de que, se ambos os lados do debate forem admitidos como bem-intencionados e igualmente interessados no bem-estar da sociedade, o que diferenciaria os dois lados seriam os argumentos concretos e evidências empíricas – ausente na visão dos ungidos. Por essa razão, se as evidências trazidas à luz não forem consistentes com a ‘lógica’ da visão dos ungidos, em si mesmo já são consideradas suspeitas (XAVIER, coord., 2019a, p. 183).

Em nossa modesta visão, a crise da democracia liberal é mais um discurso para impor ideias adversas a ela e engendrar um discurso supostamente mais coerente e mais eficaz para resolver os problemas sociais atuais que uma realidade. Mas por que as ideias consideradas vanguardistas triunfaram na sociedade ocidental? Castells (2018, p. 26) dá uma importante dica naquilo que chamou de “a autodestruição da legitimidade institucional pelo processo político”. O modo como isso se deu é a crítica dos liberais conservadores. Pois não está claro que uma vez apontado a injustiça social já se saiba de antemão também a solução. Verificar um problema é muito diferente de conhecer as razões dele. Os conservadores e intelectuais que não comungam do credo libertário panfletário mundial, denunciam que

[...] não é possível dizer que a visão dos ungidos seja uma ferramenta intelectual a ser usada como ciência. [...] uma teoria social, para ser cientificamente aceitável, deve permitir ajustes quando confrontada com evidências que a contradizem. No entanto, quando se trata de dogmas, ao invés de teorias baseadas em ciência social, como é a ideologia dos ungidos, não é possível contradizê-los. Eles não se ajustam à realidade; é a realidade que deve se ajustar a eles (XAVIER, 2019a, p. 181).

¹³ (XAVIER, coord., 2019a). Artigo de Anamaria Camargo, Capítulo 7, *As falácia*s da superioridade moral ante a tragédia humana, p. 179-198.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal fato se dá porque a exacerbação do *establishment de esquerda* e seu afã pela justiça social, por mais justa e legítima que possa ser, está alicerçada em pressupostos falsos, conforme vários autores, entre eles, Scruton (2017; 2018); Xavier (2019a; 2019b)¹⁴, Hayek (2022), Lewis (2014). Pelo que se percebe, o marxismo, por diferentes vieses continua a ser uma pauta tanto na política como em outros setores também. O que alimenta a concepção segundo a qual uns seriam atrasados, mentecaptos, fascistas e antidemocráticos ao passo que e outros são democráticos, humanistas, defensores da igualdade e da justiça? Não é difícil verificar que os segundos, que se autointitulam a vanguarda e os defensores da verdadeira democracia, são também aqueles que defendem, empregam e propagam, em um sem-número de casos, termos como luta de classe, superestrutura, burguesia, ditadura do proletariado, classe dominante. Ora, esses termos são amplamente empregados em nosso dia a dia, seja por eminentes intelectuais, jornalistas, professores como por pessoas comuns nas redes sociais.¹⁵ E, como se sabe, são termos que vieram dos legados de Marx, interpretado e reinterpretado por uma legião de intelectuais e seguidores daquela doutrina política. Se tomarmos, apenas como exemplo, um texto que remete aos conteúdos pertinentes das ciências humanas no ensino médio, verifica-se que temas como etnocentrismo, indústria cultural e produção massificada, revolução sexual, relações de gênero entre outros temas do currículo vanguardista lá constava. É o próprio Ministério da Educação (MEC) que recomenda esses conteúdos.¹⁶ No

¹⁴ Trata-se de duas coletâneas de textos sobre Thomas Sowell e F.A. Hayek, organizada e coordenada por Dennys Garcia Xavier. Ambas as obras são compostas por 15 artigos cada e dois textos introdutórios sobre Sowell e Hayek, respectivamente, nos quais os e as articulistas analisam as assertivas destes dois autores contra vanguardismo econômico e político, as chamadas falácias ideológicas (Sowell) e a ingenuidade da mente socialista (Hayek).

¹⁵ No jargão popular se diz: “vai no automático” ou “segue o fluxo”

¹⁶ Por exemplo, OLIVEIRA, D. David de; RABELO, Danilo; FREITAS, Revalino Antonio de. (organizadores). **O ensino de sociologia**, 2010, p. 22. Os autores apresentam as disciplinas para o ensino da sociologia nas três séries do Ensino Médio Nacional, mas nenhuma vez surge qualquer tema que aborde autores fora do eixo das temáticas vistas como consagradas. Aparecem os clássicos Comte, Durkheim, Weber e depois a grande maioria dos temas tem como pressupostos as balizas marxistas, ampliadas e revistas peles estudiosos de Frankfurt e outros.

mundo da filosofia, citemos, apenas como exemplo, os franceses Michel Foucault, Jacques Derrida, Louis Althusser, Jean-Paul Sartre, Jacques Lacan, Merleau-Ponty, o alemão Jürgen Habermas, os americanos John Rawls e Michael Sandel. Aqui no Brasil, por exemplo, Marilena de Souza Chauí, Paulo Freire, Betinho de Souza, Leonardo Boff, Frei Beto, Caio Prado Junior, Florestan Fernandes, Paulo Arantes, Milton Santos. Como não aceitar que os pensadores acima foram eminentes formadores de opinião no mundo universitário e nos níveis mais inferiores de ensino também nos últimos 30 anos, pelo menos? Não se trata de desmerecer-lhos, o que seria injusto e injustificável. Não resta dúvida alguma de que o legado deles foi importante e continua a ser. Mas onde ficaram autores como José Guilherme Merquior, Paulo Francis, Mario Ferreira dos Santos, Raymundo Farias de Britto. Luiz Felipe Pondé é hoje uma exceção em meio a pensadores marxistas.¹⁷

Por que o Marxismo, enquanto doutrina continua tendo adeptos e defensores? Temos duas suspeitas. A primeira está em Marx mesmo, que destratava e ironizava os seus desafetos. Ironizava, atacava de modo visceral para demover tudo e todos que ousassem pensar diferente dele. (Citar Xavier....) Marx ensinou seus discípulos e seguidores a nunca concordar com seu opositor. Dessa forma, Marx dissipava as ideias que questionavam suas teses. Colocar-se acima de todos como a melhor solução intelectual é uma forma de impedir que se seja atacado (LEWIS, 2014). Desse modo, invertendo o idealismo filosófico para o terreno das causas materiais, Marx não fundou só mais uma teoria política ao lado de tantas outras já havidas. Mas, autoproclamou-se, mesmo que não explicitamente, o autor da mais profunda e engenhosa análise do capitalismo e as redes de malefícios que ele traz consigo. Paul Tillich lembra, e com razão, que Marx virou um profeta.

A segunda é que os intelectuais se apropriaram do ativismo profético que a doutrina de Marx traz consigo de modo implícito. Sua teoria virou uma cartilha de ação, a que os marxistas denominam práxis. Seria como uma descoberta nas

¹⁷ Tome-se como exemplo, um site comum, desse disponíveis para o ensino ginasiano da filosofia: MENEZES, Pedro. **Filósofos brasileiros que você precisa conhecer.** <https://www.todamateria.com.br/filosofos-brasileiros/> (19/10/22). Dos oito autores elencados pelo articulista, pode-se dizer que apenas Luiz Felipe Pondé não professa valores marxistas em sua filosofia, sendo abertamente um crítico deles.

ciências naturais: comparar o funcionamento do capitalismo e seu efeito sobre a riqueza e as classes sociais às explicações dos efeitos de uma reação química, por exemplo. Ele próprio acreditava, que havia uma verdade insofismável em sua teoria: a gênese do capitalismo foi descoberta. Ele mesmo estava convicto de que dissecou o cadáver e mostrou os detalhes de suas entranhas. Sua teoria política não é só mais uma especulação sobre temas sociais e humanos. Agora o funcionamento mecânico do capitalismo estava desvendado. De agora em diante, seria possível fazer projeções sobre o agir humano e prever seus resultados, a exemplo do que ocorre, analogamente, nas ciências naturais.¹⁸ Sabendo disso, é preciso agir e orientar as pessoas para que uma nova sociedade surja. A profecia se cumpriria se a práxis fosse, por todos os meios, ativada para que a derrocada do sistema opressor capitalista entrasse em contradição e, por conseguinte, permitisse que as classes antagônicas também acabassem. Se nossa suspeita tiver algum fundamento, a recepção positiva que o marxismo teve e tem no mundo intelectual ainda é exatamente a novidade de sair da especulação filosófica e metafísica e adentrar nas questões reais – materiais e dialéticas – que exigirão militância e ações em massa. Sabendo que nossa explicação posso ser considerada simples demais, estamos convencidos de que a sedução que a teoria provocou levou e leva muita gente a endossá-la acriticamente. E nem os intelectuais passaram ilesos.

O conservadorismo filosófico e sociológico apontou que os problemas denunciados e sempre presente nos discursos vanguardistas realmente existem, mas tem nuances muito mais imbricadas que a “*mente ingênua dos socialistas quer admitir*”, conforme Hayek (2022, p. 55). Como dissemos acima, o mundo está dividido em uma ala de intelectuais que se auto imputam, por ninguém autorizados, tutores morais da nova ordem, “[...] pessoas normalmente à esquerda do espectro ideológico, que defendem a intervenção estatal para garantir liberdades civis e apoiar o que eles definem como ‘justiça social’”(XAVIER, 2019a, p. 181).

¹⁸ Precisamos levar em conta que Marx viveu o progresso técnico e metodológico das ciências naturais do século XIX. A física, a química e a biologia de Darwin estavam prestigiadas pelas inúmeras descobertas que foram feitas. O Positivismo, como sabemos, foi uma doutrina filosófica que queria dar às ciências humanas um padrão equivalente àquele das ciências naturais: a mensurabilidade e o controle técnico de variáveis. Marx nunca foi positivista confesso, mas a crença das mensurações técnicas da ciência era algo em voga. Chegou a falar em Marxismo Científico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alessandra Giovanna de. **Ascensão do conservadorismo ou queda da economia?** Monografia de conclusão de Curso. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2019. Acesso feito em 19/10/2022. Disponível eletronicamente em: <http://monografias.fjp.mg.gov.br/bitstream/123456789/2660/1/Alessandra%20Giovanna%20de%20Almeida.pdf>
- ARENKT, Hannah. A crise na educação. In: **Quatro textos excêntricos**: Hannah Arendt; Eric Weil; Bertrand Russell; Ortega y Gasset. Prefácio, seleção de textos e tradução de Olga Pombo. Lisboa, (Portugal): Relógio D'água Editores, 2000, p. 21-53.
- ARON, Raymond. **O ópio dos intelectuais**. Tradução de Jorge Bastos. São Paulo: Três Estrelas, 2016.
- BARBOSA, Carmem Bassi; QUEIROZ, José J.; ALVES, Julia Falivene. **Ética profissional e cidadania organizacional**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2011. (Coleção: Técnica Interativa. Série: Núcleo Básico, v. 4) Disponível em: (http://www.etcnjosedagnoni.com.br/downloads/Nucleobasico/VOL.4-ETICA_PROFSSIONAL_E_CIDADANIA_ORGANIZACIONAL.pdf) Acesso em 10/02/2022).
- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Tradução Marco Aurélio Nogueira 6ª Edição Rio de Janeiro: PAZ & TERRA, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: a crise da democracia liberal. Tradução de Joana A. Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- COUTINHO, João Pereira. A via média. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 15 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/joao-pereira-coutinho/via-media-conservadorismo-oakeshott/> Acesso em 18/10/2022.
- DUTRA, Luiz H. de A. **Pragmática de modelos**: natureza, estrutura e uso de modelos científicos. São Paulo: Loyola, 2013.
- HAYEK, Friedrich August von. **O caminho da servidão**. Tradução e Anna Maria Capovilla, José I. S. e Liane Ribeiro. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: LVM Editora, 2022.
- LEBER, Werner Schröer. **O que pretendem os revolucionários de esquerda na visão conservadora de Roger Scruton Raymond Aron e Olavo de Carvalho**. Texto publicado em maio de 2017 no sítio eletrônico: (<https://www.webartigos.com/autores/wernerfilosofia>) (acesso em 13/10/22).
- LOPES, Ana Maria D'Ávila. A era dos direitos de Bobbio: entre a historicidade e a atemporalidade. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília a. 48 n. 192 out./dez., p. 07-19, 2011.
- MATTOS, Alessandro Nicoli de. **Conservadorismo: entenda o conceito em 4 pontos**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/conservadorismo-pensamento-conservador/> (Acesso em 18/10/2022).
- MENEZES, Pedro. **Filósofos brasileiros que você precisa conhecer**. <https://www.todamateria.com.br/filosofos-brasileiros/> (19/10/22)
- OLIVEIRA Dijaci David de; RABELO Danilo; FREITAS, Revalino Antonio de (organizadores) **Ensino de Sociologia**: currículo, metodologia e formação de professores. Goiânia, UFG/FUNAPE, Conselho Editorial da Universidade Federal de Goiás, 2010.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas, SP: Autores associados, 2014. (Coleção: Formação de Professores).

SHAPIRO, Bem. **Lavagem cerebral** : como as universidades doutrinam a juventude. Tradução de Ulisses Teles. São Paulo: Trinitas, 2020.

SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. Tradução de Bruno Garschagen. 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2017.

_____. **Tolos, fraudes e militantes**: pensadores da nova esquerda. 2ª edição. Tradução de Alessandra Bonrruquer. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

SOUZA, J. M. A. de. **Tendências ideológicas do conservadorismo**. Recife: Ed. UFPE, 2020. Ebook - acesso 19/10/22. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/71/74/386?inline=1>

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite.2ª edição. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

TOURAINE, Alain. **O que é a democracia?** Tradução de G. J. de F Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

XAVIER, Dennys Garcia. (coord.). **F. A HAYEK e a ingenuidade da mente socialista**. São Paulo: LVM Editora, 2019b. (Coleção: Breves Lições).

XAVIER, Dennys Garcia (coord.). **Thomas Sowell e a aniquilação das falácias ideológicas**. São Paulo: LVM Editora, 2019a. (Coleção: Breves Lições).